

O DUPLO ESPELHO: O HUMOR NA LITERATURA DO RIO GRANDE DO SUL

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Homens da cidade lhes fabricaram um dialeto e uma poesia de metáforas rústicas Viveram seu destino como num sonho, sem saber quem eram ou que eram

“Os Gaúchos” – Jorge Luis Borges

RESUMO

A figura mitológica do gaúcho, do “monarca das coxilhas”, presta-se para o humor? O cotidiano duro das estâncias ou as correrias de pilhagem, contrabando e combates na fronteira, propiciariam momentos para o riso? A paisagem natural, de espaços amplos e melancólicos, o frio, o vento e demais intempéries, que teriam moldado aquele caráter duro e austero atribuído aos gaúchos, foi responsável também pela falta de graça? O humor presente nos contos, “causos” e piadas mostra em geral um contraponto, um estranhamento daquelas pessoas caracterizadas como típicas do mundo rural rio-grandense em relação aos hábitos e gostos urbanos “civilizados”. É este clichê do gaúcho construído pelo regionalismo que permite a piada e o humor entre gentes também construídas como sisudas, pela contradição campo versus cidade – ou passado versus presente – ou pela exacerbação das qualidades do tipo regional. É tudo isto produto de intelectuais urbanos! Assim, admitindo como frutos do movimento regionalista uma série de produções culturais que repercutem em generosos espaços da mídia, talvez hoje exista um “duplo espelho”, onde os “paisanos” vêm refletidos como próprios os valores que os intelectuais da cidade criaram como sendo fiéis reproduções do campo, reproduzindo nos seus cotidianos as invenções geradas no “povo”.

INTRODUÇÃO

Dentre os muitos estereótipos dos brasileiros que o senso comum criou, talvez o mais difundido seja aquele de um povo alegre, bem humorado, risonho. Quando, de forma semelhante são abordadas as características regionais, levantam-se outros tantos estereótipos, todos eles

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli é Professor no Departamento de História da UFRGS.

também simplificados e unificadores, tais como: os cariocas são galho-feiros e irreverentes, os paulistas preocupam-se apenas com o trabalho e o enriquecimento, os mineiros são desconfiados e não tomam decisões açodadas, os baianos são indolentes e lascivos.

Já nós gaúchos – assumindo aqui a denominação gentílica que identifica todos os rio-grandenses – teríamos herdado, junto com as pretensas qualidades de valentia, estoicismo, altivez e franqueza, próprias daqueles antepassados dos campos e das guerras, uma postura de seriedade, circunspecção, quase sisudez. Muito fizemos, pouco alardeamos, e não teríamos tempo para o riso nem o humor, a marca definidora dos brasileiros em geral.

A figura mitológica do gaúcho, do “monarca das coxilhas”, presta-se para o humor? O cotidiano duro das estâncias ou as correrias de pilhagem, contrabando e combates na fronteira, propiciariam momentos para o riso? A paisagem natural, de espaços amplos e melancólicos, o frio, o vento e demais intempéries, que teriam moldado aquele caráter duro e austero atribuído aos gaúchos, foi responsável também pela falta de graça?

Hoje, no entanto, algumas das mais consagradas produções humorísticas são rio-grandenses: peças teatrais, como *Tangos e Tragédias* ou *Buffet Glória*, percorreram com sucesso todo o país; personagens de Luís Fernando Veríssimo – o detetive Ed Mort, o analista de Bagé e a velhinha de Taubaté – são sucessos nacionais; e a repercussão dos nossos cartunistas ultrapassa as fronteiras do Brasil.

Com certeza estes exemplos são recentes e urbanos, e poderiam ser atribuídos às influências externas, que hoje facilmente penetram no espaço cultural das grandes cidades, muito mais que a alguma tradição autóctone. No entanto, parece difícil pensar que uma nova geração de tamanha importância tivesse surgido sem quaisquer antecedentes, e torna-se necessário, pois, localizar no passado as origens deste humor. Contrariamente ao senso comum que afirma não existir humor no Rio Grande do Sul, a tarefa seria demonstrar a existência remota de algum tipo, talvez peculiar, de humor.

Na verdade, as primeiras tiradas humorísticas aparecem antes da própria existência do Rio Grande, a partir de aspectos desgraciosos do espaço e seus formadores. Um certo André Coutinho, escrevendo em setembro de 1737, chamou nosso atual território de “*Terra dos Muitos*”, e entre os muitos “muito”, havia “*no verão muita calma, muita mosca, muita mutuca, muito mosquito, muita polilha, muita pulga; no inverno muita chuva, muito vento, muito frio, muito trovão*”¹.

Poucos anos depois, em 20 de agosto de 1744, um atribulado Diogo Osório Cardoso referia-se ao Continente de São Pedro dizendo “*que nestas campanhas jamais faltarão os três eles: lombilhos, laços e ladrões de todas as castas, estes levam os gados aonde melhor os pagam*”², numa imagem certamente pouco lisonjeira dos primevos gaudérios. A terra e suas gentes, cuja síntese moldaria a nossa identidade, estão desde o início comprometidas por estas observações pioneiras de desagrado por uma e outra, formuladas com muita ironia.

Se aquelas manifestações iniciais ridicularizam pelo que havia de desagradável, o humor que se desenvolveria no Rio Grande manteria de alguma forma esta característica essencial: as situações que provocam riso o fazem pelo grotesco, pelo anacrônico, enfim, pela “falta de graça”. Raramente as histórias de humor mostram personagens espertos e atilados, como o tradicional Pedro Malasartes que herdamos dos portugueses.

Os contos, os “causos” e piadas trazem em geral um contraponto, um estranhamento daquelas pessoas caracterizadas como típicas do mundo rural rio-grandense em relação aos hábitos e gostos urbanos “civilizados”. Este ensaio procura identificar na literatura do Rio Grande do Sul aquelas situações onde aparece o humor, e como ele está associado àquele contraste, que ocorre sempre que os campeiros são “visitados” pelas gentes da cidade ou vice-versa. Faz-se necessário aqui discorrer um pouco sobre nossa literatura regionalista.

O REGIONALISMO E A CRIAÇÃO DOS “PAGOS”

O antagonismo campo *versus* cidade – tão característico de todo o espaço platino no século XIX – reproduz-se nas pessoas que habitam um ou outro espaço, na fórmula “paisano” *versus* “povoeiro”³. Os “paisanos” ou campeiros são associados a rispidez, grosseria e força bruta. As brincadeiras no cotidiano da campanha, especialmente quando lá aparecem “povoeiros” ou “cajetilhas” da cidade, podem ser aleivasas e trazer risco para as vítimas⁴, devido ao desconhecimento destas para as lidas campeiras: deitar água fervendo no mate, deixar os arreios soltos, encilhar animais xucros, entre tantos, constituem divertimentos apreciados porque desmoralizam aqueles com quem os peões não se identificam.

Por outro lado, o homem do campo quando em contato com o mundo urbano, mostra toda sua ignorância dos modos citadinos e sofisticados. Perdendo suas referências, não compreende os mecanismos que regem a vida no “povo”, não reconhece a linguagem, torna-se facilmente

vítima das tramitações legais ou burocráticas, submete-se a saberes doutos fetichizados, isto tudo quando não é imediatamente envolvido em alguma das tantas variações do famoso “conto do vigário”.

Os intelectuais rio-grandenses, preocupados em revelar as singularidades que caracterizaram a vida nos campos e os gaúchos, fizeram um mergulho no passado e construíram as imagens idealizadas que ainda perduram. Lidas, indumentárias, comidas, falares e outros tantos aspectos, foram esmiuçados e externados necessariamente em comparação com os usos e gostos contemporâneos dos espaços urbanos. Neste sentido parece válida uma analogia com os escritores do Prata:

“En su aspecto formal, la literatura gauchesca consiste usualmente ne relatos en primera persona escritos en una lengua llena de ruralismos de diverso grado de autenticidad, color local, personajes típicos, y una imaginería que se supone reflejo de la vida rural y el habla de las clases bajas.”⁵

Também na literatura regional rio-grandense é usual que o autor “fale” pela voz de uma personagem, como se pudesse incorporar aquilo que em verdade não é, um homem com a vida e experiência do campo. Os intelectuais da cidade criaram, assim, “vozes campeiras” que se chamaram Blau, Romualdo, Lautério, Aureliano etc. A legitimidade das narrativas estaria diretamente relacionada a este grau de identificação, quando o escritor se “transforma” no gaúcho que conta as histórias e “causos”. Afirma Augusto Meyer em relação a Simões Lopes Neto, por exemplo:

*“Blau Nunes, o herói de Simões Lopes, é o gaúcho pobre, o tropeiro, o peão de estância, o agregado, o índio humilde. Há um claro acento popular em todos os contos, autêntico e espontâneo, que toparemos dificilmente na literatura regionalista ou com veleidades ‘populistas’ dos nossos escritores. Talvez ninguém no Brasil tenha conseguido **uma identificação tão profunda com o espírito dos seus pagos**, a tal ponto que o próprio João Simões Lopes Neto, o pelotense culto e de família patricia, inteiramente se **apaga** na figura de Blau, o vaqueano.”⁶*

Mais adiante, para justificar o caráter realista e “verdadeiro” das reconstituições feitas pelos grandes regionalistas rio-grandenses, todos eles intelectuais urbanos, Meyer destaca a profunda ligação afetiva que

tinham com os “pagos”, a nostalgia de uma vida campeira que os fazia buscá-la incessantemente, num contato o mais epidérmico possível com a terra e as gentes:

Todos eles foram amigos da estrada batida a casco e do campo aberto. Sempre que podiam, ganhavam o verde e arejavam o espírito, como quem deseja voltar às raízes depois da fascinação do grande mundo da cultura. Demandavam aqueles ‘rincões perdidos na alma da gente’ a que se refere o poeta. Por isso, é sempre de boa qualidade a experiência que sua obra revela a um simples exame superficial.

Ainda quando carecer de valor literário, o regionalismo há de impor-se mais tarde pelo valor documental de grande parte da sua produção.”⁷

Os regionalistas procuraram reconstituir uma realidade que ia desaparecendo, suplantada aos poucos pelas áreas de colonização alemã e italiana, e por uma urbanização que se acentuava. Não é por acaso, pois, que este movimento está associado justamente ao declínio, econômico e político, do mundo da estância, como observa Sergius Gonzaga:

(...) O menosprezo daqueles que não se integravam nos moldes e costumes da existência campeira já fora ativado em relação aos colonos açorianos e aos primeiros imigrantes; agora essa ridicularização era reforçada; em seguida, e sobretudo nos anos vinte, seria erigida como um dos pilares do enfrentamento da oligarquia com o poder central.

A feição definitiva do mito, entendido como total ização articulada e coesa, como conjunto de fantasias transformado em estatuto exemplar, mito alicerçado numa série de práticas e introjetado por todas as classes do organismo social – a ponto de converter o gaúcho em nome gentílico – deu-se quando a pecuária começou a ser abalada (...)⁸

A nostalgia de mitológicos tempos heróicos conduz à imobilização do passado, que aparece redivivo e acusando a dissolução do presente, que é o presente vivido por estes autores. Esta procura dos tempos perdidos recupera um homem do campo que já não existe, atribuindo

do-lhe falas e valores que já desapareceram, como escreve Guilhermino Cesar, ainda sobre Simões Lopes Neto:

Ou por outra: Simões Lopes parece ter desenterrado um léxico perdido de há muito no chão da campanha; pôs na boca do peão cousas esquecidas; ressuscitou termos, expressões e modismos do tempo em que as fronteiras do Sul oscilavam dia a dia, conforme a estrela das armas portuguesas ou castelhanas. Essa impregnação do passado, de coisa morta – nostalgia, se quiserem, de uma arcádia crioula derruída pelo tempo, - evocada com tamanha graça, força e poesia pelo escritor pelotense, faz que o crítico de hoje, ao estudar os regionalistas de qualquer época, se veja forçado ao paralelo.⁹

O antagonismo campo *versus* cidade se converte em passado *versus* presente. O “paisano” resgatado do passado representa uma integridade que vai se perdendo, enquanto o “povoeiro” de hoje é a sobrevivência vitoriosa e indesejada daqueles que antanho confrontaram-se com os modos e o jeito de ser dos gaúchos. Referindo-se aos *Contos Gauchescos* do mesmo Simões Lopes, afirma Flávio Loureiro Chaves:

(...) Sob este ângulo os diversos textos formam uma narrativa una e coerente; um só personagem/narrador presta testemunho, deflagrando na memória a atualização do passado. A realidade outrora observada vem a ser recuperada e revelada pela sua palavra.

Uma interpretação dialeticamente íntegra terá de considerar o seguinte aspecto essencial dos Contos Gauchescos: o discurso que aí se lê registra um mundo em crise, o mundo presente das personagens onde o pampa foi hierarquizado e militarizado numa estrutura social de dominação, o regime dos estancieiros-soldados.¹⁰

Aparentemente estes gaúchos, produtos da criação literária, falam, opinam, criticam e revelam seus contrastes com as gentes urbanas. Simões Lopes, Ramiro Barcellos, Darcy Azambuja, Barbosa Lessa e Érico Veríssimo não se confundem, no entanto, com Blau Nunes, Lautério, Serapião, Zacaria ou Fandango; o que temos são intelectuais urbanos “vendo” como os campeiros “deveriam ver” tais contrastes entre as duas realidades.

O regionalismo assim posto não cumpre o preceito “*conhece tua aldeia e serás universal*” de Tolstoi. Fixando o mundo da campanha e

suas gentes como ele “deveria ser” e contrastando-o com a corrupção urbana em que convivem, a literatura regionalista congela os atores e relações sociais, naturalizando-os como meros produtos do meio. Sobre este aspecto, assinala Lúcia Miguel-Pereira:

*Pela sua natureza desvia-se do caminho habitual da ficção. Esta, de fato, vê um homem em seu meio – ou contra o seu meio – mas vê também o homem, alguém que por suas razões mais profundas se irmana, por sobre as diversidades de expressão, aos outros seres; interessa-se pelos indivíduos especificamente, porém na medida em que se integram na humanidade. O regionalista, ao contrário, entende o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence, e na medida em que se **desintegra da humanidade**; visando de preferência ao grupo, busca nas personagens não o que encerram de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as assim de todas as criaturas estranhas àquela. Sobrepõe, destarte, o particular ao universal, o local ao humano, o pitoresco ao psicológico, movido menos pelo desejo de observar costumes – porque então se confundiria com o realista – do que pela crença o seu tanto ingênua de que **divergências de hábitos significam divergências essenciais de feitio.**¹¹*

Quando o regionalismo se apropria do gaúcho para revelar o seu antagonismo com o mundo moderno e citadino, propicia a visão de um duplo espelho: a cidade vê o campo vendo a cidade. E nos múltiplos reflexos que este espelho duplo proporciona, as situações de não reconhecimento do outro permitiram momentos de humor na literatura do Rio Grande do Sul. A graça aparece quando “paisanos” e “povoeiros”, reificados e deslocados dos respectivos ambientes que os determinam, mostram-se desajeitados e torpes, fora do lugar e sem sentido. Ou ainda, quando aquelas criaturas dos escritores extremam tanto o estereótipo do gaúcho mitológico que se tornam caricatos pelo superlativo das características atribuídas. Estas vertentes serão examinadas neste texto.

“POVOEIROS” NA CAMPANHA

João Simões Lopes Neto foi o mais importante escritor regionalista, e seus *Contos Gauchescos* traçam um perfil variado da campanha rio-grandense durante o século XIX. O autor se esmera na composição duma lin-

guagem e duma ética campeiras, narrando as histórias através de Blau Nunes, um gaúcho velho e experiente, predominando os retratos da vida ruda e viril dos peões, foras-da-lei e soldados. Há, no entanto, alguns bons exemplos de humor, que se criam naquelas condições assinaladas anteriormente.

Um deles está no conto *Melancia – Coco Verde*. Quando um jovem gaúcho engaja-se na cavalaria para lutar contra os castelhanos na fronteira, sua amada, filha de estancieiro, foi obrigada pelo pai a aceitar como noivo um primo, comerciante na cidade e que não se coaduna com os usos e costumes das estâncias. A procedência açoriana – o personagem nunca é tratado pelo nome próprio, sempre como “ilhéu” – recente reforça esta antinomia:

Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petiço e isso mesmo o petiço havia de ser podre de manso...

(...) Era mesmo uma pena, lhe digo... casar uma brasileira mimosa com um pé-de-chumbo, como aquele desgraçado daquele ilhéu... só porque ele tinha um boliche em ponto grande!...

(...) O ilhéu às vezes vinha à estância do tio, em carretinha...; veja vancê como ele era ordinário, que nem se avexava de aparecer de carretinha, diante da moça!... E era só cama com lençóis de crivo, para o primo; fazia-se sopa de verdura para o meco; e até bacalhau aparecia, só para ele!...¹²

O contraste com os homens “de a cavalo” se acentua, mais adiante, com a inconformidade de serem estes “galegos” os homens ricos ou as autoridades que, à distância dos problemas, pretendiam dirigir os assuntos das gentes da fronteira. Gente de fora do “país”, vale dizer estrangeira:

Galego, naquele tempo, era gente, vancê creia! Estância, era dele; negócio, era dele; oficial, era só ele; era arrematante das sisas, ele; surgião, ele; padre-vigário, ele; e pra botar a milicada em cima dos continentistas... era ele!...

E cada presilha!...

*Gente da terra não valia nada!...*¹³

Não custa lembrar o jogo de palavras que os farroupilhas fizeram em sua época, referindo-se à legalidade do Império como “galegalidade”. A associação com os reinóis dos tempos coloniais não é gratuita, pois nas gentes do “povo” estavam aquelas autoridades, alheias aos problemas da “paisanada”, que emitiam leis e decretos, e perseguiram os homens do campo.

Simões Lopes noutro relato, *Chasque do Imperador*, criou algumas cenas antológicas nas quais o imperador D. Pedro II – o mundo da Corte na sua essência – tentava, com dificuldades, adaptar-se ao cotidiano dos senhores guerreiros do Rio Grande, por ocasião do cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 1865. O então cabo Blau Nunes, encarregado de ser o “chasque” do imperador, conta várias anedotas, por exemplo:

Havia um que era barão e comandava um regimento, que era mesmo uma flor; tudo moçada parelha e guapa.

O imperador gabou muito a força, e aí no mais o barão já lhe largou esta agachada:

*– Que vossa majestade está pensando?... Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio, churrasco e mate amargo... Não é como essa cuscada lá da Corte, que só bebe água e lambe a... barriga!...*¹⁴

Identificado em grau superlativo com o desprezível “ilhéu” do conto anterior, o supremo cortesão deveria distinguir-se dos campeiros já a partir do que comia. Assim, para o pobre imperador “ – esse era meio maricas, era! – ” restava, no entender daqueles “paisanos”, alimentar-se apenas de doces e confeitos, como quando “foi hospedado em casa de um fulano, sujeito pesado, porém mui gauchão.” Depois de alguns dias de tormento, D. Pedro dirigiu-se ao homem:

– Meu amigo, os doces são magníficos... mas eu agradecia-lhe muito se me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne...

O homem ficou sério, depois largou uma risada:

– Quê! Pois vossa majestade come carne? Disseram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e pasteizinhos!... Por que não me disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora

*esta!... Vamos já a um churrasco... que eu, também, não agüento estas porqueries!...*¹⁵

Note-se que nos dois casos os interlocutores de D. Pedro eram da classe dominante – o primeiro era barão, o segundo um “sujeito pesado”, ou seja, muito rico – mas a identidade é feita por serem “gaúchos” em seus hábitos, comidas e falares, logo reconhecidos como iguais pelo cabo Blau, ao contrário do imperador. Como afirma Flávio Loureiro Chaves:

*Implicitamente esse texto – que aparentemente trata do Imperador e de sua participação épica na guerra com o inimigo externo – termina fazendo a apologia das qualidades gaúchas, sob o ponto de vista do narrador-personagem, a rusticidade, a coragem, a virilidade (...)*¹⁶

O homem urbano apresenta-se totalmente deslocado no campo, permanentemente em desvantagem na relação com os gaúchos. A cidade “civilizada” representa uma decadência, pois os “povoeiros” se mostram seres mimados, delicados e frouxos, uns efeminados incapazes para o enfrentamento com homens “de verdade” ou com a natureza.

Assim, uma das formas de denegrir a imagem de um campeiro é justamente assemelhá-lo ao homem da cidade. Numa sátira notável, *Antônio Chimango*, Ramiro Barcellos – com o pseudônimo de Amaro Juvenal – escreveu uma crítica mordaz ao governo de Borges de Medeiros, contando os avatares da estância de São Pedro, que parodia o estado do Rio Grande¹⁷. A estância era estável e produtiva sob o comando do coronel Prates – representação de Júlio de Castilhos – enfrentando desgraças sucessivas quando passa para o controle do pérfido e incompetente Chimango – o satirizado Borges de Medeiros:

“É uma caricatura da vida política naquele período que traçou Ramiro Barcellos, nem podia ser outra coisa, considerada a intenção; mas, revelando seus lados cômicos, revirando-a pelo avesso, corrigia um excesso com outro e emendava a versão oficial, ao introduzir ao coro o falsete malicioso.”¹⁸

Apesar de nascido “*nos cerros de Caçapava*”, o Chimango é apresentado como a total negação daquelas qualidades inerentes aos verdadeiros “paisanos”. A descrição da infância e adolescência do Chimango na estância do padrinho, o coronel Prates, acentua o descompasso da criatura com a rudeza e habilidades dos bons gaúchos – isto não era ca-

sual, já que Borges de Medeiros era filho de pernambucanos – , como nestes versos do contador-cantador da história, o tio Lautério:

*Tinha já mudado os dentes
E andava de camisola
O Chimango, um tramanzola,
Molhava à noite o pelego;
Tinha medo de morcego,
Corria, vendo pistola.*

*No meio da gurizada,
Quando brincava de laço,
Era o Chimango o paião,
Nunca acertava um pealo;
E se montava a cavalo,
Não troteava... era no passo.¹⁹*

Tal como o “ilhéu”, o Chimango não montava bem. Era torpe, mesquinho e despreparado para as mais corriqueiras tarefas na estância; foi, no entanto, escolhido para ser o capataz pelo coronel Prates. Aqui a crítica de Ramiro Barcelos atinge também Júlio de Castilhos: na estrutura de poder que montava não cabiam os homens fortes d’ antanho, os caudilhos que haviam dominado ao longo do século XIX. O “capataz” na República Velha deveria ser despido de qualidades, adulator e servil:

*Sei que tu és maturrango,
Porém, dou-te a preferência.
Nisto está minha ciência,
Escolhendo-te entre os outros;
Eles sabem domar potros,
Mas tu tens a obediência.*

*Toda minha gente é boa
Pra parar bem um rodeio
Boa e fiel, já lo creio,
Mas eu procuro um mansinho,
Que não levante o focinho
Quando eu for meter-le o freio.²⁰*

Montar bem é o maior mandamento do gaúcho! Em *O Tempo e o Vento*, Érico Veríssimo apresenta a inconformidade de José Fandango, capataz dos Cambarás, com as inovações do moço Toríbio, ao seu ver “*coisas de maricas da cidade ou invenções estrangeiras*”, de quem “*queria saber mais que os gaúchos de antigamente*”. Já quase centenário, mais indignado fica por terem-lhe feito viajar de jardineira: “*– Me fizeram viajar naquela geringonça. Que vergonha! Onde se viu um gaúcho andar de carro? Acharam decerto que o velho não agüentava a viagem em riba do lombo dum cavalo... Chô égua! que é que pensam que eu sou?*”²¹

Rodrigo Terra Cambará, recém chegado de Porto Alegre onde estudara Medicina e se tornara um janota de gostos sofisticados, depois de ouvir algumas provocações do irmão Toríbio e de Fandango, precisou comprovar que não havia esquecido as habilidades campeiras:

(...) Deixou de lado as roupas citadinas e vestiu-se à gaúcha, da maneira mais ortodoxa possível (...)

*Acompanhou o pai e o irmão nas lidas do campo, procurou provar que não era – como podiam os outros imaginar – um mocinho da cidade, um pelintra que não sabe andar a cavalo e é incapaz de manejar um laço. Por isso, na primeira oportunidade que se lhe apresentou, fez questão de laçar na presença dos companheiros. Teve sorte: pialou com maestria um terneiro. No primeiro rodeio que pararam, foi o mais ativo do grupo, o que mais gritou, o que mais se agitou.*²²

Um dos tantos contrapontos que são feitos entre campo e cidade, é a comparação entre a sabedoria popular dos “paisanos” e a ciência moderna que predomina no “povo”, e que arrogantemente se proclama definitiva. É o caso de *Sinal de Chuva*, de Darcy Azambuja. Hospedando os engenheiros que construíam uma estrada de ferro, o velho Serapião admirava curioso a parafernália de instrumentos que haviam trazido, especialmente o barômetro:

Do que mais gostou foi dos relógios de dizer se ia chover ou não.

Gostou, porém não acreditou. Achava até graça de aqueles moços tão instruídos irem atrás de bobagens. Ora se um relógio vai saber quando chove – pensava consigo.

*Ainda se fosse uma saracura, isso sim.*²³

A questão se resolve no dia em que Serapião, identificando na natureza os sinais de um temporal que se aproximava, previne os engenheiros, que não lhe prestam atenção confiando no “relógio”. Mais tarde, recebe e acolhe os surpresos “moços tão instruídos” da cidade, totalmente encharcados pela tormenta inesperada, e lhes explica:

– *Ué!... Eu não adivinhei. Desde ontem se via isso. Hoje, então, a saracura cantando, o formigueiro ali no forno em correição, e o burro velho se despencando coxilha abaixo, zurrando como um danado... (...)*

– *Eu sempre estou dizendo que destes astros aqui de fora vanceis não entendem nada...²⁴*

Se no campo, a saracura vence o relógio, com mais razão os remédios da campanha. Em *O Tempo e o Vento*, Fandango é o grande repositório da sabedoria gauchesca. Enquanto passa alguns conhecimentos de medicina popular para o jovem Licurgo, Fandango aproveita para mostrar que a ciência moderna era desnecessária:

E ensinava-lhe outros remédios. Urinas presas? Chá de erva-de-touro. Prisão de ventre? Batata baririçó. Fraqueza do peito? Agrião. Lombriga? Mastruço. Contra mordida de jararaca? Trazer em qualquer parte do corpo um toco de cipó mil-homens.

– *Conheci um carreteiro – contou Fandango noutra ocasião – que estava com os dentes frouxos. Queria ir ao dentista mas eu disse pra ele: ‘Não faça isso! Não bote fora o seu dinheiro: Tome um chá de molho. O homem tomou e ficou bom.’²⁵*

Muito tempo depois, ainda permanece desconfiado com os doutores da cidade, como quando se dirige ao jovem doutor Rodrigo Terra Cambará: *“Hay médicos demais no mundo. E eu não acredito muito nesses doutores da mula ruça.”²⁶*

A reificação do campeiro como o saudoso “monarca das coxilhas” – sempre bravo, ginete, carnívoro, vaqueano e autosuficiente – faz dele uma criatura incomparável aos subprodutos da degeneração trazida pelo progresso das cidades, desde que o contraste se faça no ambiente rural. Se é o meio que determina o homem, no seu elemento o gaúcho é imbatível.

“Paisanos” na civilização

Por outro lado, situações cômicas ocorrem quando o homem do campo sai do seu ambiente, quando então as características do mundo urbano mostram-se incompreensíveis e quase insalváveis²⁷. Na abordagem deste tema – que depois se tornaria recorrente no cancionário nativista rio-grandenses – é comum aos autores sustentarem que a má-sorte perseguirá como uma fatalidade aqueles que abandonam o campo pelas luzes da cidade.

Em *Casos do Romualdo*, Simões Lopes mostra-nos um exemplo deste tipo de estranhamento no conto *Quinta de São Romualdo*. Narrando na primeira pessoa, conta o gaúcho Romualdo: “*Cansado de viagens e de caçadas, e desejando repousar, comprei uma bonita quinta, com muito arvoredo frutífero, boas águas, casa cômoda. Uma pechincha!*”²⁸ Começariam aqui uma série de vicissitudes para um gaúcho livre, acostumado com a vida ao léu, tentando adaptar-se a uma pequena propriedade lindeira à cidade e seus habitantes.

Sucessivamente enfrentou “*as sete pragas*” que se sucediam sem dar quartel: barba-de-bode, preás, gatos, cachorros, gringos tocadores de realejo, autoridades judiciárias, terminando nas mãos dos doutores: “*Certo dia, por doze votos fui considerado ainda vivo, e por treze dado por morto. Venceu o um da maioria: passaram atestado de óbito e foram-se... e veio o defunteiro tomar as medidas do caixão... Que cena, esta, da tomada das medidas... que cena!*...”²⁹

Quando pensa ter-se livrado dos males, aparecem no final simultaneamente todos aqueles fantasmas que o assombraram nesta experiência fracassada:

Vi a barba-de-bode renascendo na lavoura, algumas preás roendo ervas, três gatos em cima do telhado; dois cachorros coçando as pulgas; um gringo de realejo à sombra de um moirão, um meirinho que chegava a trote..., e um doutor que apeava-se da carriola!...

Amigo!

Cerrei pernas ao baio e só parei... quando vendi a quinta.

*Pugas as contas, sobraram-me três patacas, em cobre: comprei as espoletas, pólvora e balas, e ganhei, outra vez, no sertão!*³⁰

Entre as desventuras que acontecem para os campeiros que se envolvem com o mundo urbano, são centrais aquelas que dizem respeito a leis ou trâmites burocráticos. Em *O Peão e o Cavalo*, Barbosa Lessa descreve os percalços de Zacaria, encarregado por um estancieiro de buscar na Banda Oriental um cavalo de raça, comprado de um *haras* famoso. Na ida, Zacaria entrou clandestino no Uruguai, como sempre fizera: “*Atalhando caminho pelas estradas vicinais lá se foi de estância em estância, na solidão dos descampados, às vezes todo um dia sem ver viva alma.*”³¹ Na volta, porém, enfrentou problemas, primeiramente na alfândega uruguaia:

Mas Zacaria – que pela primeira vez na vida atravessava a fronteira por uma estrada real em vez de campo – já na Aduana foi trançado.

*Pediram-lhe carteira de identidade, ou no mínimo certidão de nascimento, e ele não tinha. Pior, não se lembrava quem tinha sido a mãe, muito menos o pai, só se lembrava que o rancho de seu nascimento ficava num lugarejo chamado Sarandi, que nem existia mais.*³²

Resolvida a questão pela compreensão do oficial aduaneiro, Zacaria, aproximando-se da alfândega brasileira temeroso de mais problemas – “*Ora veja um gaúcho não poder voltar ao chão do Rio Grande*” –, apresentou ao guarda a bem detalhada documentação do cavalo puro-sangue:

– Buenas tardes, patrício! Me chamo Zacaria mas, pro causo, venho simplesmente acompanhando este ilustre cidadão uruguaio.

Alcançou o documento e o morenote leu:

*‘Identificación: S. B. U. n.º 5 408-N. Nombre: Voy-a-mirar. Sexo: Masculino. Padre: Tajar, 3 275-N. Madre: Verba, 3 987-N. Fecha de nacimiento: 12 diciembre 1935. Local: Haras Águas Claras, Durazno.’ Assinado pelo Diretor e pelo Secretário, sobre selos da República Oriental del Uruguay, com firmas reconhecidas.*³³

Deslocado do seu meio – e do seu tempo – um gaúcho anônimo valia menos que um cavalo bem documentado! Certamente entre os textos humorísticos mais conhecidos sobre o desencontro entre as usan-

ças gauchescas e os modernismos urbanos estão as histórias do *Analista de Bagé*, personagem de Luís Fernando Veríssimo, que associa toda uma herança de valores, idéias, ditos e preconceitos atribuídos aos gaúchos tradicionais, com os rituais, o jargão e as neuroses de um moderno consultório de psicanálise, resultando um terapeuta “*freudiano barbaridade*” e “*mais ortodoxo que caixa de maizena*”. O autor assim apresenta o analista:

Certas cidades não conseguem se livrar da reputação injusta que, por alguma razão, possuem. Algumas pessoas mais sensíveis e menos grossas que eu conheço vem de Bagé, assim como algumas das menos afetadas são de Pelotas. Mas não adianta. Estas histórias do analista de Bagé são provavelmente apócrifas (como diria o próprio analista de Bagé, história apócrifa é mentira bem educada) mas, pensando bem, ele não poderia vir de outro lugar.³⁴

Veríssimo assume nesta sátira estereótipos que existem historicamente no Rio Grande do Sul: Bagé, terra tradicional da pecuária e dos caudilhos da campanha; Pelotas, que representava no século passado o exemplo mais bem acabado de centro urbano, da indústria charqueadora e do comércio, com seus arroubos de civilização e refinamento. Não por acaso, os pelotenses são ainda hoje vítimas de piadas preconceituosas que derivaram do menoscabo à sofisticação, associando-a com hábitos efeminados.

O analista de Bagé, recebendo os clientes com “pilchas” campeiras, no divã forrado de pelegos, patrocinando tratamentos “*mais compridos que bombacha de gringo*” e “*mais caros que argentina nova na zona*”, mostra da forma mais caricata a construção de dois mundos tão distanciados. As tentativas de preservação de uma tradição campeira imaginária pelos folcloristas e cultores do passado numa realidade hoje predominantemente urbana encerram, por certo, esta idiosincrasia, mas a criação humorística consegue expô-la com muito mais clareza, como na “*terapia do joelho*”:

Diz que quando recebe um paciente novo no seu consultório, a primeira coisa que o analista de Bagé faz é lhe dar um joelho. Em paciente homem, claro, pois em mulher, segundo ele, ‘só se bate pra descarregá energia’. Depois do joelho o paciente é levado, dobrado ao meio, para o divã coberto com um pelego. (...)

– *Só sei que estou deprimido e isso é terrível. É pior do que tudo.*

Aí o analista de Bagé chega sua cadeira para perto do divã e pergunta:

– *É pior que joelho?*³⁵

Uma outra vertente literária que trabalha com a dicotomia entre campo e cidade, explora os trocadilhos ou jogos de palavras, colocando nas falas das pessoas do campo ditos que se tornam jocosos por terem sido emitidos com ingenuidade e sem a consciência de que pudessem ser impropérios³⁶. Entre tantos, há o poema popular *Um Noivado no Rincão do Buraco*, relatando os brindes recitados numa festa de noivado:

*“Viva o Vicente, meu noivo,
Viva o meu noivo Vicente!
Viva a gente do Buraco,
Viva o Buraco da gente”*

*Este brinde fez um outro
(Por apelido Papaco)
“Quem quiser boa mulher
Procure só no Buraco”*

*Ainda outro mui sério
Comendo cocadas, diz:
“Quem se casa no Buraco
Faz o Buraco feliz.”*

*Ao noivo tocou a vez
Tirou a viola do saco
Dizendo: – “Mulher, te juro,
Não saio mais do Buraco!”*

*“Hei de dormir no Buraco,
No Buraco, trabalhar;
Já que te achei no Buraco,
No Buraco te hei de amar!”³⁷*

O Barão de Itararé – Apparicio Torcelly ou Apporelly – foi talvez o maior humorista brasileiro, além de ser um dos pioneiros do gênero. Nas-

cido na fronteira uruguaia, ainda jovem mudou-se para o Rio de Janeiro, onde teve quase toda sua trajetória de autor e jornalista. São raras, assim, as histórias de gaúchos nos seus escritos. Uma delas é justamente uma “empulhação” – também chamada de “empulhada” ou “empulha” –, um jogo de palavras em que alguém faz uma pergunta a outro, esperando que a resposta – e esta é sempre óbvia – coloque-o em situação ridícula. Em *O Preço de uma Empulhação*, assim conta Apporelly:

– *Pois eu estou disposto a pagar um trago de canha, no holiche do Chico Rengo, pra quem me arresponder ligeiro, sem pensar muito, qual é a mulher do touro?*

– *Ora, é a vaca... – foi dizendo logo o índio Desidério, que estava escovando os dentes com a ponta da faca.*

– *Pois não é! – respondeu o Toríbio. – Vaca é a mãe...³⁸*

Tendo a vítima da “empulhação” reagido violentamente, degolando o engraçadinho, o comentário final do narrador da história foi de quem também não entendeu ou não aceitou o trocadilho³⁹: o caso havia sido uma “barbaridade”, entretanto “*não é assim também que se ofende a mãe de um vivente.*”

Fora do campo o “paisano” torna-se presa fácil das armadilhas da civilização: não se acomoda aos usos citadinos, perde-se nas novas referências burocráticas, suas falas carecem de sentido e motivam burlas e trocadilhos das gentes do “povo”. Talvez derive daí a tendência de recriação de um gaúcho que, de tão estereotipado, resvalou para o ridículo.

“Eu sou gaúcho e me chega pra ser feliz no universo!”

Das tantas atribuições conferidas ao gaúcho são centrais a força, a coragem e o desassombro perante situações críticas ou no enfrentamento com os poderosos. O exagero destas pretensas qualidades derivou muitas vezes para o típico “pachola”, com um aspecto fanfarrão e pretensioso, cujas blasonarias motivam muitos chistes e piadas sobre o “machismo” dos gaúchos ainda em nossos dias.

Na literatura rio-grandense há diversos exemplos, em geral apresentados como exceções à regra de tipos bravos, mas sóbrios; antipatizando com os valentões, os regionalistas procuraram ressaltar o passado idealizado de imagens caricatas que dele desenvolveram as gentes da

cidade. Talvez o mais notável caso de fanfarrão esteja na clássica trilogia *O Tempo e o Vento*, por ser um raro caso em que o falastrão é visto com simpatia. Escreveu o próprio Érico Veríssimo sobre o capitão Rodrigo Cambará, uma de suas criações mais populares:

Existe na mitologia oral gaúcha uma imagem que é uma espécie de sítula de todos os heróis da sua História e de seu folclore: o macho, o bravo guerreiro, o mulherengo, o homem generoso, impulsivo e livre, principalmente livre.

(...) Quando moço eu olhava com indisfarçável intolerância para os tipos que como Rodrigo, nunca diziam não ao próprio corpo, satisfazendo-lhe todos apetites.

(...) a vida em sociedade seria intolerável se as pessoas, na satisfação de seus desejos, não levassem em conta os interesses e os sentimentos dos outros. Acho que devemos pagar pela liberdade com a moeda da responsabilidade. E o nosso capitão não era lá muito responsável.⁴⁰

O capitão Rodrigo Cambará, já no apresentar-se aos pacatos moradores de Santa Fé “arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque”, provoca-os dizendo: “–Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!”⁴¹. A resposta esperada foi o “– Pois dê!” dito por Juvenal, mas Rodrigo no momento queria apenas divertir-se, não uma briga de verdade.

Veterano das guerras, boêmio e desocupado, o capitão recriava o antigo gaúcho “sem lei, sem rei, sem deus”. Andando sem destino fixo, dedicado apenas a festas, brigas, vícios e mulheres, Rodrigo contrastava com a austeridade dos demais “paisanos” de Santa Fé, já domesticados pela economia da estância. No entanto, com seu jeito de “patife simpático” acabaria se convertendo num “modelo” de gaúcho irreverente:

– Não sei se adiantou ou não. O que sei é que naquele dia houve festa grossa. Rolou bebida e comida. Houve uma hora que eu senti o bucho tão cheio de vinho e churrasco que pensei que ia rebenotar. Só sei que lá pelo anoitecer acordei completamente nu numa cama não sei de quem, num quarto não sei onde e ao lado duma mulher não sei de quem nem de donde.⁴²

Decerto que os modos do capitão não agradaram aos mandantes da terra, os ricos Amarais, estancieiros com bens raízes em Santa Fé, representantes da razão, da ordem e da obediência às normas civilizadas. Quando tentou intermediar as negociações para dissuadir Rodrigo de permanecer no local, o padre Lara, a contragosto, escutou a opinião pouco séria do visitante até mesmo sobre Deus e a vida após a morte:

– Padre, ouvi dizer que no céu não tem jogo nem bebida nem carreiras nem baile nem mulher. Se é assim, prefiro ir pro inferno. Além disso as tais pessoas que todo mundo diz que vão pro céu por serem direitas e sem pecado são a gente mais aborrecida que tenho encontrado em toda minha vida. Tenho conhecido muito patife simpático, muito pecador bom companheiro. Se eles vão para o inferno é para lá mesmo que eu quero ir.⁴³

No conto *Carta de Valentia*, Darcy Azambuja apresenta o tipo mais comum do gaúcho fanfarrão e provocador, Roberto, que era “*altanado e haragano. Campeiraço, isso ele era, mas quase nem ajudava o pai. Vivia pelas canchas, boliches e fandangos. Bonito rapaz, alto, desempenado, porém mui gabola e falador. Andava sempre de pistola e facão no cinto, arrastando as esporas e falando grosso.*”⁴⁴ Depois de vexar Antonico, o professor da escola rural procedente da cidade, fazendo com que caísse do cavalo na frente de todos,

(...) o Roberto, dando um safanão na guaiaca e batendo o chapéu pro alto da cabeça, disse, naquela voz entarroadada e provocante:

–Pra mim, homem de campo tem que ser macho mesmo; bom na pistola e no facão, que monte em qualquer bagual, e se cair, que caia de pé, com a rédea na mão. Isto de andar com livros e cartilha de ABC é coisa pra mulher.⁴⁵

Em Simões Lopes é tão evidente a preocupação em mostrar os valentões como tipos não tão representativos dos gaúchos em geral, que nos contos *O Negro Bonifácio* e *Deve um Queijo!*... apresenta-os respectivamente como um negro e um castelhano. No segundo conto, o velho Lessa, “*um homem assinzinho... nanico, retaco, ruivote*”, e que “*tinha pinta de tambeiro, mas era touro cupinudo*”, esgotou sua paciência com um provocador que encontrou numa casa de comércio:

De ainda longe já um dos sujeitos o havia conhecido e dito quem era e donde; e logo outro – passou a voz que aí no mais todos iam comer um queijo sem nada pagar...

Este fulano era um castelhano alto, gadelhudo, com uma pera enorme, que ele às vezes, por graça ou tenção reservada, costumava trançar, como para dar mote a algum dito, e ele retrucar, e, daí, nascer uma cruzada de facões, para divertir, ao primeiro coloreado...⁴⁶

Mesmo que o final destas histórias mostre a derrota dos valentões, admite-se sua existência entre as gentes pampeanas. Isto de alguma forma recupera a imagem que as autoridades platinas do período colonial tardio tinham dos homens do campo, quando as palavras “gaudério”, “changador” e mais tarde “gaúcho” eram equivalentes a “foras-da-lei”, com uma variados sinônimos: “vadios”, “vagos”, “vagamundos”, “homens soltos”, “bandidos”, “vândalos” “haraganos”, “teatinos” etc. Aqueles que não tinham sido absorvidos e controlados pelas estâncias, mais que representações da liberdade – algo tão caro atribuído aos gaúchos – eram ameaças ao sistema, e foram exorcizados também pela literatura.

Um dos matizes originais que assume o aspecto auto-suficiente e fanfarrão do gaúcho é o “causo” fantasioso, a mentira absurda, quase sempre associada a assuntos do mundo rural, tais como cavalos corredores, cães de caça, pescarias fantásticas, lugares inóspitos ou assombrações.

Na literatura, o exemplo por excelência é o já citado livro de João Simões Lopes Neto, *Casos do Romualdo*, onde se concentram os relatos fantasiosos de caçadas, de animais que Romualdo possuiu, de bichos do mato inverossímeis, ou de empreitadas fantásticas, casos dos quais podia “*citar inúmeras testemunhas... infelizmente quase todas mortas e as restantes morando longe.*”⁴⁷

Num deles, o autor mostra a inspiração nas histórias de Munchausen, comparando a cadela perdigueira Tetéia de Romualdo com uma pertencente ao Barão que, caçando uma lebre, parira seus cachorrinhos enquanto a lebre parira suas crias, seguindo incessante a perseguição: “*Contaram-me como grande cousa um caso dum barão alemão, um tal Münchhausen, que possuiu uma cadela lebreira (...) Sim, senhor! era um bom animal, não nego: mas a Tetéia era melhor.*”⁴⁸

Em seguida, passa ao relato da desditosa caçada de perdizes em que perdeu a cadela. Meses passado, voltando ao local do incidente depa-rou-se com a cena dantesca, que provava a superioridade da Tetéia so-

bre a cadela do Barão, já que nem a morte impediu-lhe o cumprimento do dever e abalou sua fidelidade a Romualdo:

Vi, sim, o esqueleto da Tetéia ainda de coleira, firme, correto, na posição de amarrar; adiante, um esqueleto de perdiz, na posição de preparar o vôo; ao lado, num ninho quase desfeito, sete esqueletinhos de filhotes, na posição de piar, com fome!... (...)

A cachorra do Münchausen será acaso superior à Tetéia? Só se for porque ele era um barão, e eu sou apenas... o Romualdo.⁴⁹

No caso de *O Tatu-Rosqueira*, a mentira é ainda mais superlativa. Numa caçada de tatus – uma das mais tradicionais no Rio Grande – Romualdo se surpreende ao descobrir esta variedade de caça, da qual apenas ouvira falar, de cujos espécimes era possível “destorcer” a cauda e retirá-la:

Eu é que tive a sorte de descobrir o primeiro tatu; o primeiro tatu, não, o primeiro rabo de tatu. E no que descobri, agarrei-o. Tiro-neeí, tiro-neeí, e nada. O bicho não vinha; já ia meter o dedo... sabem, hem? quando o licenciado Silvinha gritou-me:

– Não faça isso, Romualdo... destorça a rosca do rabo!...

– Quê?

– Sim, e para a esquerda, a modo de parafuso inglês!⁵⁰

Após recolhidas as caudas, bastava deixá-las em lugar aberto para que mais tarde os animais tentassem recuperá-las, ensejando uma fácil caçada. Se não fossem molestados, eles entrocavam novamente os rabos: “(...) vieram os tatus, fizeram os tais buracos, fincaram as caudas, sentaram-se em cima delas e começaram a rodar, a rodar, a rodar. Dentro em pouco um primeiro cessou o movimento e atirou-se para frente, na sua posição natural de quatro patas (...)”⁵¹

Já a história de *O Meu Rosilho “Piolho”* refere-se a um dos cavalos prediletos de Romualdo, que “(...) era de se lavar com um bochecho d’ água; de cômodo, era uma rede! de patas, um raio! de rédea, como uma balança! E manso como um cordeiro, de boa boca como um frade, faceiro como uma rosa, e armado, de barba ao peito, como um conde de baralho!”⁵² Feita a descrição do animal, usando aquelas metáforas tão identificadas com os gaúchos, o narrador

relata a fantástica carreira em que Piolho galopa mais velozmente que um temporal de verão que se aproximava:

Eu corria, é verdade, porém a manga d' água também corria... A polva-deira que eu levantava a chuvarada engolia logo.

Eu sentia-lhe a frescura, percebia que ela estava-me na garupa, na anca do rosilho, nos garrões dele! Um que outro pingo de chuva mais ponteiro batia-me às vezes na aba do chapéu...⁵³

Flávio Loureiro Chaves considera *Casos do Romualdo* “literatura de circunstância” – um folhetim, como definira seu descobridor Carlos Reverbel –, uma obra menor que não tem a importância literária dos demais escritos de Simões Lopes:

No entanto, não há um só caso narrado que se desprenda do nível meramente “regionalista”, como também não há nenhum que ultrapasse a piada incosequente. Contrastando com o prodigioso resultado estilístico dos Contos Gauchescos e das Lendas do Sul, os recursos expressivos aí utilizados são os mais rudimentares: o exagero do exagero, a acumulação superlativa, o acontecimento inusitado que puxa outro acontecimento inusitado, e assim por diante.⁵⁴

Mesmo que seja uma produção mais “comercial” para veiculação jornalística, os *Casos do Romualdo* recuperaram uma velha tradição de relatos mentirosos, como os do folclórico Candinho Bicharedo, e que se manteve até os dias atuais, como atesta o “Festival Nacional da Mentira” que tem lugar anualmente em Nova Brescia.

CONCLUSÃO

Num conto muito bem humorado, Assis Brasil recria uma “sessão histórica” do Partenon Literário na qual os intelectuais reunidos decidiriam como seria “a figura literária do gaúcho”. Após diversos incidentes, o Presidente da agremiação tomou a palavra:

“Senhores. Para acabar com essa lambança toda, na ata constará, por vontade unânime, que o Centauro dos Pampas é honesto, leal, cavalheiro, com testa ampla...”

“E com nariz aquilino”, trinfou o pintor de naturezas mortas.

“E com nariz aquilino. Alguém discorda? Está encerrada a sessão.”

*Depois, foi o que se leu nos romances.*⁵⁵

Decerto não foi tão caricata a criação do campeiro gaúcho, mas a sua tipologia foi desenvolvida a partir de autores românticos, como José de Alencar e Caldre e Fião, passando pelos precursores do regionalismo centrados no Partenon Literário, amadurecendo em escritores como Apolinário Porto Alegre e Luís de Araújo Filho. No início do século XX, já era consolidada a figura do “monarca das coxilhas” ou “centauro dos pampas”; cabia aos literatos recolhê-la no seu contexto e divulgá-la:

*O que vale acentuar, na oportunidade, é o seivoso, o original da linguagem coloquial gaúcha, tão artisticamente transladada à ficção por um escritor admirável como João Simões Lopes Neto. É a vitória, na luta pela expressão, de uma linguagem que pende à terra, busca raízes no âmago da campanha. Tal instrumento de comunicação forjou-se nos “fogões” gaúchos, nas lides do campo; de lá invadiu as cidades, criando para as tristes cousas urbanas o disfarce agreste de nomes ingênuos.*⁵⁶

*Para Guilhermino Cesar o gaúcho está onde sempre esteve, e os escritores, dependendo do seu talento, “transladam-no” para suas ficções com maior ou menor capacidade. Mais recentemente, Flávio Loureiro Chaves elide esta questão ao escrever que é “inútil discutir (como tentaram alguns) se a voz de Blau Nunes vem a ser a de Simões Lopes ele mesmo ou se o alter ego do escritor se encontra dissimulado na figura do apresentador dos *Contos Gauchescos*.”*⁵⁷

Ao contrário, parece que os escritores rio-grandenses reiteram uma imagem já sacralizada e reificada, congelando o passado na descrição do “paisano” no “país” e contrastando-o com o presente do “povoeiro” no “povo”. Se o talento de Simões Lopes é capaz de fazê-lo ultrapassar as fronteiras do regionalismo porque sua obra “contém um discurso social e um discurso psicológico, a reflexão histórica e a indagação sobre o destino do homem”⁵⁸, isto não se observa em todos seus contos, como nos exemplos citados; se o realismo de Érico Veríssimo o faz discutir o mito do gaúcho através do seu *alter*

ego Floriano Cambará, personagens como o capitão Rodrigo e Fandango estão muito presos ao clichê do “monarca” ou “centauro”.

É este clichê do gaúcho construído pelo regionalismo que permite a piada e o humor entre gentes também construídas como sisudas, pela contradição campo *versus* cidade – ou passado *versus* presente – ou pela exacerbação das qualidades do tipo regional. Tudo isto produto de intelectuais citadinos, muitos deles com vivências em centros urbanos bem mais opulentos que a capital rio-grandense.

Conseqüências hoje? Admitindo como frutos do movimento regionalista uma série de produções culturais – Centros de Tradições Gaúchas, festivais de música nativista, poetas, compositores e cantores populares – que repercutem em generosos espaços da *media*, talvez hoje aquele “duplo espelho” que referimos no início tenha um reflexo extra: os “paisanos” absorvendo, pelos meios de comunicação, os valores que os intelectuais da cidade criaram como sendo os seus, reproduzindo nos seus cotidianos campeiros invenções geradas no “povo”.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. COUTINHO André R. Carta a um Amigo. Apud CÉSAR, Guilhermino. *Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul 1605-1801*. Porto Alegre: UFRGS, 1981, p.110-111.
2. CARDOSO, Diogo Osório. Carta ao Cardeal da Mota. Rio Grande: Arquivo Histórico Ultramarino, Caixa 1, Doc. 46. Apud: OSÓRIO, Helen. *Apropriação da terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do espaço platino*. Porto Alegre: Dissertação (mestrado), CPG em História/UFRGS, 1990, p.131.
3. Aqui a palavra “paisano” – tanto no português quanto no espanhol – designa os nascidos no “país”, no campo, e está em oposição a “povoeiro” – “pueblera” no espanhol – que identifica os que vêm do “povo” – “pueblo” –, significando povoado, vida urbana. A palavra “paisano” no século XIX adquiriu tamanha identidade com a população campeira que passou a ser antônimo de “milico”, usado como pejorativo para as forças militares regulares em ambos os lados da fronteira; afinal, eram a “milicada” que, a mando das autoridades do “povo”, batia a campanha perseguindo os gaúchos.
4. AZAMBUJA, Darcy. *Brinquedo Pesado. No Galpão*. Porto Alegre: Globo, 1960. LESSA, Barbosa. *Olho Grosso. O Boi das Aspas de Ouro*. Porto Alegre: Globo, 1958. LOPES NETO, João Simões. *Trezentas Onças. Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1976.
5. SHUMWAY, Nicolás. *La Invención de la Argentina. Historia de una Idea*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1993, p.84.

6. MEYER, Augusto. Prefácio. In: LOPES NETO. *Contos...*, op. cit., p.XIV-XV. Os grifos são meus.
7. Id., p.XVII. Os grifos são meus
8. GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (org.). *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p.121.
9. CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1956, p.329. Os grifos são meus.
11. MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de Ficção*. Apud CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: Realismo & Sociedade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p.32-33. Os grifos são meus. 10 CHAVES, Flávio Loureiro. A História observada pelo avesso. In: DACANAL & GONZAGA. Op. cit., p.133-134.
12. LOPES NETO. Melancia – Coco Verde. *Contos...*, op. cit., p.74-75.
13. Id., p.75.
14. LOPES NETO. Chasque do Imperador. *Contos...*, op. cit., p.58.
15. Id., p.60.
16. CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p.19.
17. Esta fórmula – tratar o país como o simulacro de uma “grande estância” – foi criada por Ascasubi, com o pseudônimo de Aniceto el Gallo, na Argentina do século XIX. ASCASUBI, Hilario. *Santos Vega*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1979.
18. MEYER, Augusto. Prefácio. In: BARCELOS, Ramiro. *Antônio Chimango. Poemeto Campestre*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1957, p.XII.
19. BARCELOS, op. cit., p.23.
20. Id., p.53.
21. VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento. O Retrato*. Porto Alegre: Globo, 1976, 1º Tomo, p.87.
22. Id. *ibid.*, p.186.
23. AZAMBUJA, Darcy. Sinal de Chuva. *Coxilhas*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1956, p.27.
24. Id., p.29.
25. VERÍSSIMO, op. cit. *O Continente*. Porto Alegre: Globo, 19.., 2º Tomo, p.
26. Id. *O Retrato*. Porto Alegre: Globo, 1976, 1º Tomo, p.92.
27. Um texto argentino pioneiro, mostra a noção do mundo civilizado de um “paisano” através do relato da ópera *Fausto*, de Gounod, assistida em pleno Teatro Colón pelo gaúcho Anastasio el Pollo. DEL CAMPO, Estanislao. *Fausto*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1979.
28. LOPES NETO, João Simões. Quinta de São Romualdo. *Casos do Romualdo. Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1958, p.23.
29. Id., p.31
30. Id., p.32.